

CONTO POPULAR ANGOLANO: QUESTÕES IDENTITÁRIAS E AFIRMAÇÃO CULTURAL

Viviane Lima dos Santos Almeida¹ (UESC/CNPq-AF), Inara de Oliveira Rodrigues² (DLA/UESC)

1. Graduanda do VII semestre de Letras-Espanhol da UESC e Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq-AF. Integrante do Grupo de Pesquisa Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas (CNPq/UESC). viviekarine@hotmail.com.
2. Doutora em Teoria Literária pela PUC-RS, Professora dos cursos de graduação e dos Mestrados Profissional em Letras (PROFLETRAS) e Acadêmico: Linguagens e Representações da UESC. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Literatura, História e Cultura: Encruzilhadas Epistemológicas. (CNPq/UESC). Orientadora do projeto de Iniciação Científica. inarabr@uol.com.br

Resumo:

Apresenta-se uma análise do conto 'Ngana Fenda Maria', integrante da *Coletânea de Contos Populares de Angola: Folclore Quimbundo*, de José Viale Moutinho (2012), problematiza-se as questões identitárias e afirmação cultural que nele se apresentam. Para tanto, desenvolve-se uma leitura comparativista prospectiva com o conto de origem europeia 'Branca de Neve', constata-se que, mesmo com essa marcante intertextualidade, o conto angolano expressa uma linguagem própria que conserva as características culturais de Angola, como as marcas de oralidade e termos oriundos da língua quimbundo. De base bibliográfica, a pesquisa está alicerçada no campo crítico da teoria pós-colonial e pretende, assim, contribuir com os estudos sobre a literatura angolana, além de colaborar com pesquisas sobre as relações entre oralidade e identidade cultural.

Palavras-chave: Literatura angolana; Narrativa; Tradição oral.

Apoio financeiro: CNPq

Trabalho selecionado para a JNIC: UESC.

Introdução:

Angola, um dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa, tornou-se independente de Portugal em 1975. Sua história foi marcada por fortes lutas armadas que se arrastaram por mais de 20 anos depois da independência. Nesse panorama, a literatura sempre teve destacado papel e, por seu intermédio, os angolanos vêm (re)construindo novas histórias, rasurando e/subvertendo imaginários e estereótipos criados e propagados pelo colonizador. Entende-se, assim, como incontornável a inter-relação entre ficção e história e, por conseguinte, a importância da literatura angolana na formação de uma consciência nacional autônoma que, embora marcada pela colonização, expressa a relevância de sua cultura.

Com esses pressupostos, desenvolve-se neste trabalho, uma análise sobre os processos de resistência cultural presentes no conto "Ngana Fenda Maria", destaca-se outros saberes e sentidos na construção da angolanidade. Este conto integra a *Coletânea de Contos Populares de Angola: Folclore Quimbundo* de José Viale Moutinho (2012) e possui forte intertextualidade com a narrativa de origem europeia 'Branca de Neve'. Desse modo, por meio do comparativismo prospectivo, assentado na formulação de Abdala Jr. (2012), intenta-se demonstrar que, mesmo com esse marcante traço intertextual, o conto angolano expressa uma linguagem própria que conserva as características culturais de Angola, como as marcas de oralidade e termos oriundos da língua quimbundo.

Para tanto, a pesquisa assenta-se nas teorias críticas pós-coloniais que problematizam e desnaturalizam (pre)conceitos, denunciam as relações de subalternização em que estão inseridas as ex-colônias e, conseqüentemente, permitem refletir sobre os danos causados pelo processo de dominação colonial. Contudo, é importante frisar que o termo "pós" não encerra questões, mas, ao contrário, suscita outras discussões terminológicas, o que também será abordado neste estudo.

Espera-se, dessa forma, contribuir com as investigações sobre a literatura angolana, de modo geral, e, de maneira mais específica, colaborar com as análises sobre as relações entre oralidade e identidade cultural. Por esse caminho analítico, intenta-se, também, sublinhar o diálogo histórico-cultural entre Angola e Brasil, estreitando-se os laços de mútuo (re)conhecimento.

Metodologia

Este trabalho tem caráter eminentemente bibliográfico, com enfoque comparativista prospectivo (ABDALA Jr., 2012), por meio do qual se adota uma perspectiva não hierarquizada entre diferentes configurações

histórico-culturais. Assim, a análise comparativista de cunho prospectivo permite um olhar crítico sobre as aproximações e fundamentais diferenças entre o conto angolano 'Ngana Fenda Maria' (MOUTINHO, 2012) e a canônica narrativa ocidental "Branca de Neve", sem, entretanto, estabelecer polaridades qualitativas, mas, ao contrário, permite considerar as diferenças verificadas entre os dois textos enquanto positivas marcas de afirmação da cultura angolana.

Resultados e Discussão

As teorias críticas pós-coloniais fazem reflexões com relação a diversas problemáticas referentes às cruéis marcas deixadas pelo regime colonial, aos discursos eurocêntricos, evidenciando as relações de poder que estão imbricadas na produção de conhecimento. Dessa maneira, não apenas suscitam questões sobre a história "mal contada", mas fazem emergir novos protagonistas, sujeitos que podem contar a sua própria história. Trata-se de desconstruir imaginários eurocêntricos e (re)fazer imaginários centrados na cultura angolana, para o caso que aqui importa: "Re-escrever e re-mitificar o passado é, de certo modo, uma estratégia estético-ideológica que tem em vista protestar contra as distorções e exotismos executados pelos inventores colonialistas da África. Além do mais, a re-mitificação é componente do neo-tradicionalismo que caracteriza aspectos importantes da condição pós-colonial". (HAMILTON, 1999, p.18).

Deve-se reconhecer que, embora a preposição "pós" exprima noção de momento ou localização posterior, o termo não encerra questões, não determina que um período foi finalizado, iniciando-se um ciclo totalmente novo, mas marca outras reflexões acerca do legado do colonialismo. Segundo Bonnici: "A crítica pós-colonialista [permite] uma abordagem alternativa para compreender o imperialismo e suas influências como um fenômeno mundial e, em menor grau, como um fenômeno localizado. Essa abordagem envolve constante questionamento sobre as relações entre a cultura e o imperialismo para compreensão da política e da cultura na era da descolonização". (BONNICI, 1998, p.9).

Nessa perspectiva, a crítica pós-colonial (tomando-se as variações em seu conjunto) questiona a história ou as histórias contadas por uma ótica única, a do colonizador, e desconsidera a ideia de uma África homogênea, como um todo indiviso. Dessa forma, contribui para o conhecimento de um continente complexo e múltiplo, que, de maneiras distintas, ainda está imerso em um emaranhado de equívocos, pré-noções e estereótipos racistas.

Nesse processo por reconstrução/afirmação identitária, Angola, assim como os outros países africanos de língua oficial portuguesa, passou a usar a arma imposta para lhes dominar e subjugar, como um despojo de guerra, isto é, a língua do colonizador é usada a seu favor: "Luandino declarou que a língua portuguesa era um 'troféu' de guerra, pelo qual milhares de angolanos morreram durante a guerra de libertação" (HAMILTON, 1999, p. 17). A língua portuguesa passa, então, a ser uma forma de fazer conhecida a cultura angolana, devendo-se registrar que, como bem se sabe, existem diversas línguas em Angola.

A par dessas considerações, entendemos que a literatura angolana é um instrumento de afirmação da nacionalidade e possui ligações profundas com sua história, sendo assim, um espaço privilegiado na ruptura com o pré-estabelecido: a literatura angolana faz visitas ao passado para ressignificar seu presente, contribuindo, assim, com o processo de descolonização cultural.

Entende-se, desse modo, que a principal palavra a ser frisada é resgate; resgatar para reafirmar as ancestrais marcas da cultura angolana nos textos literários. Além disso, entende-se não ser possível recuperar o que foi perdido, no sentido de um purismo cultural; ao contrário, o que se busca na literatura angolana é perceber como se (re)constroem sentidos identitários na contemporaneidade.

Um dos elementos fundantes de traços identitários está na tradição oral, como salienta Rita Chaves (2005, p. 53): "A utilização de expressões do Kimbundo, a língua banto falada na região em torno de Luanda, o recurso aos provérbios veiculados nas línguas nacionais, a criação de termos através de processos de contaminação entre várias línguas, a transferência de normas gramaticais das línguas banto para o português e o uso sem preconceitos de corruptelas próprias da fala popular constituem a base do fenômeno da apropriação do idioma imposto."

Assim, a tradição oral é relevante meio de resistência presente na literatura, pois, ao remeter ao passado, dá um novo significado ao presente, evidenciando uma identidade construída na diferença: isso é resistência. As marcas ancestrais na literatura angolana, mais especificamente no gênero conto, que analisamos neste trabalho, é um meio de nutrir a memória e afirmar sentidos identitários. Segundo a escritora Luzia de Maria (1992, p. 12): "O conto popular cristaliza-se na tradição oral dos povos, atuando como veículo de transmissão de ensinamentos morais, valores éticos ou concepções de mundo, sendo fortalecido na memória de consecutivas gerações, a cada noite, a cada serão, espécie de legado passando de pais para filhos".

As histórias transmitidas oralmente de geração a geração são responsáveis pela manutenção da memória, bem como são instrumentos valiosos de registros da tradição e transmissão de saberes. Faz-se necessário, contudo, desvencilhar-se da noção ocidental centrada na escrita como forma de atestar a cultura de determinada sociedade, pois, reafirmando valores etnocêntricos, parte da premissa de que uma sociedade que não está pautada na escrita é uma sociedade menos desenvolvida culturalmente. Essa ótica inferioriza a cultura do outro, ou seja, não a reconhece como legítima, justificando assim, a escravização e dominação como constata Susana Nunes: "Esta maneira de ver o mundo a partir do conceito civilizacional de superior, ignorando as diferenças em relação aos povos tidos como inferiores, recebe o nome de etnocentrismo. É a 'Visão Etnocêntrica', o conceito europeu do homem que se atribui o valor de 'civilizado', fazendo crer que os outros povos, como os

das Ilhas da Oceania estavam situadas fora da história e da cultura (NUNES, 2009, p.42 – grifos da autora).

Indubitavelmente, ambas, a oralidade e a escrita, estão atreladas: “Se o conto, tal como o conhecemos hoje, é um prolongamento das antigas narrativas da tradição oral, é certo que apresenta feição própria bastante característica” (MARIA, 1992, p.13). Considerando-se que as línguas, falada e escrita estão ligadas e desempenham objetivos diferentes, o que deve imperar é o respeito em meio às diferenças e o reconhecimento dos diversos sentidos e saberes.

Em *Oralidade e escrita* (1997), o reconhecido linguista brasileiro Luiz Antônio Marcuschi sinaliza a impossibilidade de se analisar a escrita e a oralidade partindo apenas do código linguístico e aponta a necessidade da análise considerando o contexto dessas práticas sociais. Como ele bem reitera, a oralidade, ou seja, a língua falada, é adquirida informalmente no convívio social/familiar, enquanto que a escrita, na grande maioria das vezes, necessita do contexto formal, como o da escola, sendo esse um dos motivos pelos quais se considera a escrita como mais relevante do que a oralidade, e portanto, dotada de maior prestígio (MARCUSCHI, 1997). Das controvérsias sobre o tema, erige-se o conceito de oratura: mais do que um meio de se contar algo, trata-se de uma prática social que difunde aspectos morais, educativos, com uso de alegorias que é comum a todo um grupo. Aos mais idosos é outorgada a transmissão e, portanto, a preservação de conhecimentos ancestrais, como é o caso dos griôs (griots): “[Os griots] são trovadores, menestréis, contadores de histórias e animadores públicos para os quais a disciplina da verdade perde rigidez, sendo-lhe facultada uma linguagem mais livre. Ainda assim, sobressai o compromisso com a verdade sem o qual perderiam a capacidade de atuar para manter a harmonia e a coesão grupais, com base em uma função genealógica de fixar as mitologias familiares no âmbito de sociedades tradicionais”. (HERNANDEZ, 2005, p.16).

Pode-se afirmar, desse modo, que a oratura possui um valor expressivo para os povos africanos e funciona como um meio de manutenção da memória e da cultura. O conto a seguir analisado faz parte de uma coletânea de registros de narrativas de tradição oral, portanto, entende-se que se trata de oratura, apresentando marcas de resistência da cultura angolana.

A Coletânea de Contos Populares de Angola: Folclore Quimbundo, de José Viale Moutinho (2012), reúne narrativas curtas que foram selecionadas a partir da recolha efetuada por Hélio Chatelain, cuja primeira publicação teve edição bilingue (quimbundo-inglês), em 1984, nos Estados Unidos, sob o título “*Folk-tales of Angola*” (MOUTINHO, 2012). O livro apresenta 16 contos angolanos que abordam o passado e o futuro e vão além do estético, exercendo influências pedagógicas, culturais e sociais intrínsecas ao saber popular. As narrativas surpreendem por não conter uma lógica comumente encontrada nos contos ocidentais com começo, meio e fim mais ou menos previsíveis.

O conto “Ngana Fenda Maria” foi escolhido como objeto desta pesquisa porque, embora contenha uma intertextualidade indiscutível com o conto “Branca de Neve”, da tradição oral alemã, possui traços que o distingue de modo relevante. Dessa maneira, permite demonstrar a resistência cultural, sobretudo considerando-se como traços distintivos os termos em quimbundo, a sua origem oral, bem como marcas de oralidade no próprio texto.

O objetivo desta proposta investigativa consistiu em aprofundar estudos sobre os processos de resistência cultural presentes na literatura angolana contemporânea, visando reconhecer outros saberes e sentidos em contraposição à hegemonia da cultura eurocêntrica. Para tanto, consideramos o contexto histórico, político e cultural de Angola durante momentos anteriores e posteriores à colonização. Assim sendo, entendemos que a literatura angolana desempenha um importante papel nesse processo de resistência cultural, pois faz visitas ao passado para ressignificar o presente, resgatando elementos importantes para reconstrução e manutenção da memória. A análise no conto ‘Ngana Fenda Maria’, nos permitiu constatar essas marcas de resistência e de afirmação cultural presentes na literatura.

Conclusões

A literatura angolana possui importante papel na reconstrução da história de seu país, pois contribui no processo de resistência cultural e afirmação identitária, bem como na propagação de sua rica cultura, mesmo quando dialoga com outras literaturas. Dessa maneira, entende-se a necessidade de se dar visibilidade sempre crescente à literatura desse país, com o qual o Brasil possui muitos laços culturais.

Ressalta-se, assim, que o conto analisado apresenta elementos de resistência e de busca identitária, afirmados pelas marcas de oralidade e termos na língua quimbundo que evidenciam a riqueza da literatura angolana. Nesse processo, a retomada da tradição oral é relevante por permitir uma revisitação ao passado para dar um novo significado ao presente, evidenciando uma identidade construída na diferença: isso é resistência. As marcas ancestrais na literatura angolana confirmadas no conto ‘Ngana Fenda Maria’ erigem-se, pois, como meio de nutrir a memória e afirmar sentidos identitários.

Referências bibliográficas

ABDALA Jr., Benjamin. **Literatura comparada e relações comunitárias, hoje**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

BONNICI, Thomas. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. **Mimesis**, Bauru, v. 19, n. 1, p. 9, 1998.

CHAVES, Rita. O passado presente na Literatura angolana. In: _____; MACEDO, Tania (Org.). **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

HAMILTON, Hussell. A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-colonial. **ANAIS...** IV ENCONTRO DE ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS DE LINGUA PORTUGUESA. São Paulo, USP, 1999.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

MARIA, Luzia de. **O que é o conto**. 4. ed, São Paulo: Brasiliense, 1992.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e Escrita. **Signótica**, 9:119-145, jan/dez.1997.

MOUTINHO, José Viale. **Contos Populares de Angola**. Folclore Quimbundo. São Paulo: Landy Editora, 2012.

NUNES, Susana Dolores Machado. **A milenar arte da oratura angolana e moçambicana**: aspectos estruturais e receptividade dos alunos portugueses ao conto africano. Lisboa: CEAUP, 2009.